**PROJETOS FINAIS DE MESTRADO EM FORMAÇÃO DE
PROFESSORES**

TIPOS DE PROJETO FINAL (PF)

Dentro dos programas de PFMME, PFMELE e PFTEFL em Formação, há três tipos principais de Projeto Final.

Sob cada cabeçalho, especificam-se detalhadamente quais PFs se aplicam a cada especialização.

1. PF DE PESQUISA	3
2. PF DE PESQUISA-AÇÃO	7
3. PF PROFISSIONALIZANTE DE ELABORAÇÃO	14
4. PF PROFISSIONALIZANTE DE ANÁLISE DE MATERIAIS	24

1. PF DE PESQUISA

Um trabalho de pesquisa consiste na realização de um estudo sobre um determinado fenômeno, neste caso, educativo. Deve abordar um tema relevante (produzir novas teorias) ou problemático (resolver problemas) que permita enriquecer a disciplina ou inovar com alguma proposta, ao mesmo tempo em que demonstra a assimilação dos conceitos e conhecimentos tratados no mestrado. Este tipo de trabalho é especialmente recomendado aos alunos que tenham planos de realizar um doutorado no futuro.

Por definição, um trabalho de pesquisa deve ser sistemático e controlado (com um projeto de pesquisa e metodologias bem definidos), empírico (baseado em realidades observáveis ou quantificáveis), crítico (partindo de análises anteriores) e cíclico (gera novas perguntas).

O estudo envolve as seguintes etapas em sequência (Fox, 1987):

- **o projeto do plano da pesquisa** (revisão da bibliografia, seleção do enfoque da pesquisa, formulação de objetivos e hipóteses de pesquisa, seleção e técnicas de coleta de dados, etc.);
- **a execução do plano de pesquisa** (do plano de coleta de dados, do plano de análise dos dados e preparação dos relatórios de pesquisa); e
- **a aplicação dos resultados** (difusão e proposta de medidas de ação).

Para informações mais detalhadas, consulte as disciplinas:

- **FPMELE:** *Observación e investigación en el aula / Práctica reflexiva y desarrollo profesional.*
- **FPMTFL:** *Observation & Research in the Classroom / Práctica reflexiva y desarrollo profesional.*
- **FPMME:** *Metodologia da pesquisa científica.*

1.1. Passos para planejar a pesquisa

Na coluna esquerda da tabela abaixo, indicam-se os passos que devem ser seguidos a fim de desenvolver de maneira coerente o processo de pesquisa. Na coluna direita, explica-se a ação relativa a cada um dos passos.

PLANEJAMENTO	AÇÃO
1. Escreva uma breve lista de possíveis temas interessantes.	1. Consulte estudos similares para se inspirar. Nossa biblioteca inclui vários artigos especializados e permite pesquisar em outros catálogos. Alguns estudos incluem uma seção final de sugestões para pesquisas futuras onde talvez

	<p>2. Escolha entre os temas da lista o mais interessante para pesquisar a respeito.</p>	<p>2. Reflita sobre as possíveis vias de realização do trabalho. É possível decidir o ponto de início e o enfoque que o trabalho terá.</p>
	<p>3. Estabeleça o enfoque específico do estudo. Possivelmente, a área de selecionada é muito ampla, de modo que é necessário determinar a que aspecto, fator, elemento, etc. ater-se.</p>	<p>3. Organize as ideias iniciais e realize uma lista de questões e considerações. (Veja “1.3 Delimitar problema”)</p>
	<p>4. Determine os objetivos fundamentais do estudo. Formule possíveis hipóteses ou perguntas de pesquisa.</p>	<p>4. Pense com cuidado em que aspectos serão objeto de estudo e quais não serão. É importante não ser ambicioso em excesso, sobretudo no início.</p>
	<p>5. Realize algumas leituras sobre o tema para consolidar sua percepção sobre ele e seu bom desenvolvimento. Comece pela informação geral e vá selecionando a bibliografia mais especializada.</p>	<p>5. Através destas leituras, é possível ter uma ideia sobre trabalhos similares ao que você vai realizar. Deste modo, você deve procurar ser capaz de antecipar possíveis problemas e pensar em soluções viáveis para eles.</p>
	<p>6. Defina seu objeto de estudo procurando delimitar o corpus e como vai estudá-lo. Escreva o primeiro rascunho do trabalho e analise-o.</p>	<p>6. Organize com muito cuidado a estrutura do texto: o objetivo, o objeto de estudo, o método de coleta de dados, as conclusões prévias, etc.</p>
	<p>7. Elabore um cronograma realista para cada fase da pesquisa. Estabelecer prazos ajuda a concluir as atividades em tempo hábil.</p>	<p>7. Divida o tempo disponível segundo o grau de dificuldade de cada capítulo. Obviamente, alguns capítulos podem demandar mais tempo que outros e é muito útil organizar-se em função disto.</p>
	<p>8. Elabore seu projeto inicial. Adapte toda esta informação ao modelo de proposta inicial (PI). Leia o cabeçalho de cada seção a fim de garantir que nada será esquecido.</p>	<p>8. Uma vez decidido o tema e que já saiba como coletar os dados, é recomendável completar o PI para que seu Orientador de PF possa confirmar que você está seguindo na direção correta.</p>
	<p>9. Redija o primeiro texto e esteja disposto a modificar o que for necessário.</p>	<p>9. Não espere que o texto esteja finalizado já após a primeira redação. Certamente, será necessário revisá-lo várias vezes até que todos os pontos tenham sido desenvolvidos adequadamente.</p>
	<p>10. Seja crítico com o seu trabalho. Não pense que o que você fez é perfeito. Todo trabalho tem suas limitações.</p>	<p>10. Tente pensar nas limitações e falhas do trabalho. Pergunte-se, por exemplo, que aspectos trataria e quais não se estivesse começando de novo e o que aprendeu de tudo isso.</p>

1.2. Escolha do tema do trabalho de pesquisa

Recomenda-se veementemente que o aluno, ao escolher um tema para pesquisar, se assegure de optar por uma área que lhe seja especialmente estimulante. O processo de elaboração deste tipo de trabalho é bastante difícil, ainda mais a distância, com momentos frequentes de desânimo e apatia. Por este motivo, é muito importante que o aluno selecione um tema que o motive especialmente e que esteja dentro de seu âmbito de interesse profissional e/ou acadêmico. Desta maneira, encontra-se melhor preparado para enfrentar os momentos críticos que possam ocorrer e o risco de abandono diminui consideravelmente. Pode ser uma boa ideia começar pensando em dois ou três possíveis temas e ponderar sobre eles com cuidado antes de decidir qual pode ser mais enriquecedor e viável.

Do mesmo modo, recomenda-se escolher um tema sobre o qual seja fácil localizar uma bibliografia e cujas fases de realização sejam viáveis.

É necessário delimitar e especificar bem o tema: não esqueçamos que trata-se de um trabalho de mestrado e não uma tese de doutorado, portanto, o alcance não pode ser o mesmo. Não é estranho que a ambição inicial o leve a querer abraçar muito sem estar consciente da carga de trabalho que qualquer pesquisa deste tipo envolve.

Saber definir um tema e seu alcance está diretamente relacionado com a conclusão bem sucedida do PF.

1.3. Delimitar o problema de pesquisa

Em relação ao tema da pesquisa, é recomendável situar o “problema” da pesquisa. Em uma pesquisa, um “problema” é uma situação que pode ser melhorada, é de certo modo, um evento que dá início ao processo de pesquisa.

Para delimitar este problema, primeiro é preciso identificá-lo (o que queremos pesquisar?), situá-lo em um contexto mais amplo (como e por que se originou? Em que contexto aparece?) e definir suas características mais importantes (como é possível observá-lo? Que variáveis o afetam?).

Delimitar o problema da pesquisa ajuda a justificar o estudo e a definir seu propósito, podendo nos ajudar a adiantar possíveis soluções (que alternativas visualizamos?).

1.4. Sugestões de bibliografia

Dörnyei, Z. (2007). *Research Methods in Applied Linguistics: Quantitative, qualitative and mixed methodologies*. Oxford: Oxford University Press.

Dörnyei, Z., & Ushioda, E. (2013). *Teaching and researching: Motivation*. New York, EEUU: Routledge.

Lozoya Meza, E. (2006). Propuesta metodológica para desarrollar Proyectos en investigación educativa. *Mundo siglo XXI*, (5), pp.121-126. Recuperado em 10 de novembro de 2016 de <http://www.mundosisigloxxi.ciecas.ipn.mx/pdf/v02/05/09.pdf>

Martínez Barrientos, A. (2008). *Manual para la elaboración de investigaciones educativas*. La Paz: Universidad Católica Boliviana San Pablo. Recuperado em 10 de novembro de 2015 de <http://www.cimm.ucr.ac.cr/wordpress/wp-content/uploads/2010/12/Mart%C3%ADnez-A.-Manual-2008.pdf>

McMillan, J. H., & Schumacher, S. (2005). *Investigación educativa una introducción conceptual*. Barcelona: Pearson educación.

Pantoja Vallejo, A. (2015). *Manual básico para la realización de tesinas, tesis y trabajos de investigación*. Madri: EOS.

Prodanov, C. C., & de Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale.

Severino, A. J. (2014). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez

Taylor, S. J., & Bogdan, R. (1984). *Introdução aos métodos de pesquisa qualitativa: a busca de significados*. New York, EEUU: John Wiley & Sons

Triviños, A. N. (1997). *A pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo*. São Paulo: Atlas

2. PF DE PESQUISA-AÇÃO

A realização deste tipo de trabalho permite ao aluno relacionar os aspectos mais teóricos da área com sua experiência prática (pesquisa na ação) e, conseqüentemente, melhorar sua práxis docente e, inclusive, inovar pedagogicamente. Portanto, tem uma orientação teórico-prática.

O aluno que decide desenvolver este tipo de trabalho, deve pesquisar, sob a supervisão do orientador de PF, o tema que mais lhe interessa em seu próprio contexto real de sala de aula e, em seguida, elaborar um relatório escrito.

Os passos básicos para desenvolver o trabalho de pesquisa-ação são os seguintes.

1. Escolher um tema de interesse.
2. Realizar uma pesquisa sobre estudos anteriores que tenham sido realizados sobre o tema.
3. Planejar uma ação.
4. Colocar a ação em prática.
5. Efetuar um período de observação da ação na sala de aula (pelo menos duas lições) com um grupo específico de estudantes (auto-observação).
6. Refletir sobre as observações e rever o plano de ação.
7. Realizar um relatório reflexivo sobre o processo e os resultados obtidos: o Projeto Final (PF)

Pra mais informações, consulte os artigos: Tripp, D. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e pesquisa*, 31(3), pp.443-466; Thiollent, M. J. M., & Colette, M. M. (2014). Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 36(2), pp.207-216, assim como a disciplina:

- **FPMELE**: *Observación e investigación en el aula / Práctica reflexiva y desarrollo profesional.*
- **FPMTEFL**: *Observation & Research in the Classroom / Práctica reflexiva y desarrollo profesional.*
- **FPMME**: *Metodologia da pesquisa científica.*

2.1. Lugar de realização da pesquisa-ação

2.1.1. Professores em exercício:

No caso de estar atuando como professor, o aluno deve realizar a pesquisa em seu próprio contexto docente.

2.1.2. Professores que não estão exercendo:

Se o aluno não está atuando como docente no momento de realização do PF, é necessário que encontre um centro externo onde realizá-lo. Neste caso, recomenda-se que o professor titular e o aluno estejam de acordo quanto ao momento mais adequado para realizá-lo e em que parte do programa será incluída a unidade elaborada pelo aluno. Além disso, se o aluno não está familiarizado com a instituição, aconselha-se que observe várias aulas antes da realização do projeto. Deste modo, é possível obter informações valiosas como: método de ensino, perfil de aluno, quadro institucional, relação professor-aluno, distribuição de espaços, uso de fotocópias e transparências, disponibilidade de recursos audiovisuais, etc. Ao realizar esta observação, os alunos devem ter o cuidado para não interferir no desenvolvimento da ação docente do professor titular.

Segundo o tipo de Mestrado, as aulas em que se baseiam a pesquisa podem ter ministradas em:

- a) uma universidade;
- b) um instituto de educação primária ou secundária;
- c) contextos de educação não formal.

2.2. Passos para planejar a pesquisa ação

Na coluna esquerda da tabela abaixo, indicam-se os passos que devem ser seguidos a fim de desenvolver de maneira coerente o processo de pesquisa. Na coluna direita, explica-se a ação relativa a cada um dos passos.

PLANEJAMENTO	AÇÃO
1. Escreva uma breve lista de possíveis temas interessantes.	1. Consulte estudos similares para se inspirar. Nossa biblioteca inclui vários artigos especializados e permite pesquisar em outros catálogos. Alguns estudos incluem uma seção final de sugestões para pesquisas futuras onde talvez você encontre boas ideias. Também é possível consultar algum colega de profissão, etc.
2. Escolha entre os temas da lista a mais interessante para pesquisar a respeito.	2. Reflita sobre as possíveis vias de realização do trabalho. É possível decidir o ponto de início e o enfoque que o trabalho terá.
3. Estabeleça o enfoque específico do estudo. Possivelmente, a área de selecionada é muito ampla, de modo que é necessário determinar a que aspecto, fator, elemento, etc. ater-se.	3. Organize as ideias iniciais e realize uma lista de questões e considerações.

<p>4. Determine os objetivos fundamentais do estudo. Se necessário, formule possíveis hipóteses ou perguntas de pesquisa.</p>	<p>4. Pense com cuidado em que aspectos serão objeto de estudo e quais não serão. É importante não ser ambicioso em excesso, sobretudo no início.</p>
<p>5. Realize algumas leituras sobre o tema a fim de consolidar sua percepção sobre ele e seu bom desenvolvimento. Comece pela informação geral e vá selecionado a bibliografia mais especializada.</p>	<p>5. Através destas leituras, é possível ter uma ideia sobre trabalhos similares ao que você vai realizar. Deste modo, você deve procurar ser capaz de antecipar possíveis problemas e pensar em soluções viáveis para eles.</p>
<p>6. Defina seu objeto de estudo procurando delimitar o corpus e como vai estudá-lo. Escreva o primeiro rascunho do trabalho e analise-o.</p>	<p>6. Organize com muito cuidado a estrutura do texto: o objetivo, o objeto de estudo, o método de coleta de dados, as conclusões prévias, etc.</p>
<p>7. Elabore um cronograma realista para cada fase da pesquisa. Estabelecer prazos ajuda a concluir as atividades em tempo hábil.</p>	<p>7. Divida o tempo disponível segundo o grau de dificuldade de cada capítulo. Obviamente, alguns capítulos podem demandar mais tempo que outros e é muito útil organizar-se em função disto.</p>
<p>8. Elabore seu projeto inicial. Adapte toda esta informação ao modelo de proposta inicial (PI). Leia o cabeçalho de cada seção a fim de garantir que nada será esquecido.</p>	<p>8. Uma vez decidido o tema e que já saiba como coletar os dados, é recomendável completar o PI para que seu Orientador de PF possa confirmar que você está seguindo na direção correta.</p>
<p>9. Redija o primeiro texto e esteja disposto a modificar o que for necessário.</p>	<p>9. Não espere que o texto esteja finalizado já após a primeira redação. Certamente, será necessário revisá-lo várias vezes até que todos os pontos tenham sido desenvolvidos adequadamente.</p>
<p>10. Seja crítico com o seu trabalho. Não pense que o que você fez é perfeito. Todo trabalho tem suas limitações.</p>	<p>10. Tente pensar nas limitações e falhas do trabalho. Pergunte-se, por exemplo, que aspectos trataria e quais não se estivesse começando de novo e o que aprendeu de tudo isso.</p>

2.3. Escolha do tema do trabalho de pesquisa-ação

Recomenda-se veementemente que o aluno, ao escolher um tema para pesquisar em sala de aula, se assegure de optar por uma área que lhe seja especialmente estimulante. Pode ser uma boa ideia começar pensando em dois ou três possíveis temas e ponderar sobre eles com cuidado antes de decidir qual pode ser mais enriquecedor e viável.

É especialmente importante que o aluno escolha uma área que possa estudar em sua própria realidade docente e, conseqüentemente, sobre a qual possa aprender. Ou seja, a reflexão sobre seu próprio contexto docente deve conduzir-lhe a novas considerações sobre sua prática. Não se trata de o aluno justificar ou questionar seu trabalho em aula, mas de esclarecer e compreender

melhor sua prática docente a fim de ser capaz de avançar ou mesmo inovar em seu desenvolvimento profissional.

2.4. Como organizar a observação das aulas

Como comentado anteriormente, o objetivo do trabalho de pesquisa-ação é que o aluno realize uma pesquisa de dimensões reduzidas com base em sua própria prática docente. Isto implica um período de observação e coleta de dados.

Não obstante, embora o estudo não tenha grandes pretensões, o aluno deve aplicar os instrumentos de coleta de dados mais adequados para pesquisar o aspecto que selecionou. Na seção seguinte, resumimos os diferentes instrumentos de coleta de dados aos quais é possível recorrer. No entanto, para uma descrição mais detalhada, consulte a disciplina:

FPMELE: *Observación e investigación en el aula / Práctica reflexiva y desarrollo profesional.*

- **FPMTFL:** *Observation & Research in the Classroom / Práctica reflexiva y desarrollo profesional.*

- **FPMME:** *Metodologia da pesquisa científica.*

2.5. Instrumentos de pesquisa

A seguir, trazemos uma lista dos instrumentos de pesquisa mais empregados nos trabalhos de pesquisa em educação. Alguns proporcionam informação quantitativa, como porcentagens, estatísticas, números, etc.; outros disponibilizam informação qualitativa, ou seja, dados subjetivos que não podem ser apresentados numericamente, mas ajudam a compreender diferentes aspectos da pesquisa. A seleção de um tipo de instrumento ou outro depende do tema que o aluno escolheu e dos objetivos que definiu.

Questionários:

Normalmente, contêm uma introdução que explica o propósito do questionário e as instruções necessárias para respondê-lo. É imprescindível determinar de antemão como serão incluídos os itens e o método a ser empregado para analisar os dados. Quanto ao tipo de pergunta, há uma grande variedade entre os dois extremos de um mesmo continuum: perguntas abertas e fechadas.

Entrevistas:

A princípio, em estudos qualitativos, este instrumento de coleta de dados é mais adequado que os questionários, pois a informação gerada costuma ser mais rica. As entrevistas podem ser individuais ou em grupo e podem ser muito estruturadas, semiestruturadas ou sem estruturar, segundo o contexto, o objetivo e o enfoque do estudo.

Testes:

Existe uma ampla tipologia de testes (de aptidão, de inteligência, de competência, etc.). É necessário decidir se é conveniente empregar testes já comprovados e reconhecidos

cientificamente ou se, em vez disso, é preferível elaborar o nosso próprio teste, levando em conta que sua validade e confiabilidade devem ser cuidadosamente examinados.

Diários:

Manter um diário com os passos realizados ao longo do projeto pode ser uma boa fonte de dados. Também é possível pedir aos informantes que mantenham um diário sobre o processo ou o tema sob investigação. Uma vez finalizados, o pesquisador deve analisá-los.

Observação:

A observação pode ser participante ou não. No primeiro caso, os pesquisadores participam das atividades que estão observando. No segundo caso, o pesquisador somente observa as atividades que são o objeto de estudo, sem comprometer-se diretamente com elas. Os dois tipos podem proporcionar informações muito interessantes.

Grupo focal:

Através desta técnica qualitativa, coleta-se informação sobre dinâmicas e interações com base em entrevistas coletivas e semiestruturadas com grupos homogêneos. Para sua execução, elabora-se previamente um guia onde são propostas técnicas que promovam a interação (dramatizações, relatos ou projeções motivacionais, etc.).

Para mais informações, consulte a disciplina:

- **FPMELE:** *Observación e investigación en el aula / Práctica reflexiva y desarrollo profesional.*
- **FPMTFL:** *Observation & Research in the Classroom / Práctica reflexiva y desarrollo profesional.*
- **FPMME:** *Metodologia da pesquisa científica.*

2.6. Coleta de dados

A próxima seção busca oferecer uma série de orientações e conselhos sobre o processo de coleta de dados.

2.6.1. Os informantes

Segundo o tema e os objetivos da pesquisa, o aluno pode realizar o estudo sobre toda uma turma (ou turmas), neste caso, os informantes do estudo são os alunos da turma em questão, ou é possível optar pela realização de um estudo de caso, assim sendo, o informante será um único aluno. Quer se escolha um único informante ou um grupo de alunos, é preciso ter em conta uma questão: que informação será proporcionada aos participantes a respeito da pesquisa (propósito, coleta de dados, etc.), pois pode acontecer que se sabem do objetivo exato do estudo, ajam condicionadamente e tentem adaptar sua resposta às expectativas do pesquisador.

É importante levar em consideração que os informantes que participam do estudo estão fazendo um favor ao pesquisador, portanto, é conveniente prestar atenção em aspectos como:

pontualidade, formalidade no momento de marcar os compromissos, etc. (por exemplo, se você decide realizar uma entrevista pessoalmente fora do horário de aula) e agradecer sempre sua participação. É preciso tentar ser claro nas instruções proporcionadas sobre o que devem fazer e pensar que, talvez, estejam interessados em conhecer os resultados do estudo uma vez que está concluído ou avaliado.

2.6.2. Reduzir o risco de erros na coleta de dados.

Em muitas ocasiões, nas pesquisas que envolvem outras pessoas (os informantes), criam-se problemas que não foram previstos. Por exemplo, se o questionário elaborado emprega uma terminologia muito ambígua ou imprecisa, os dados recolhidos talvez não se adéquem ao propósito real da pesquisa. Ao empregar gravadores ou equipamentos de vídeo, automaticamente expõe-se a contratempos técnicos, como a gravação ser incompreensível. Neste sentido, é conveniente realizar um estudo piloto com um grupo bem pequeno de informantes, que seja o mais similar possível ao grupo principal. Um estudo-piloto é um ensaio que tenta coletar dados a fim de constatar se o trabalho está sendo realizado da maneira adequada, se estão sendo gerados os dados desejados e como os informantes estão reagindo ao processo.

2.6.3. Uso de gravadores de áudio ou vídeo para coletar dados

Uma das opções para realizar a coleta de dados a partir de gravações em áudio ou vídeo. Este modo responde ao interesse de coletar as palavras reais empregadas pelos informantes (para, por exemplo, analisar detalhadamente seu discurso) ou poder revisar, a qualquer momento, com maior detalhe os dados em contexto.

Quanto ao fato de como a presença de uma câmera afeta a atuação dos estudantes, a experiência nos diz que, embora sintam-se inicialmente nervosos e inibidos, muitos deles se esquecem dela quando se envolvem na tarefa. Obviamente, primeiro é necessário pedir permissão aos alunos e depois explicar-lhes o motivo pelo qual se quer gravá-los.

As informações a seguir foram extraídas do livro *Projects in Linguistics* (Wray, Trotter and Bloomer, 1998).

Áudio ou vídeo?

- Na maioria dos casos, a gravação de dados em áudio pode ser suficiente, mas talvez seja interessante empregar o vídeo. Atualmente, é possível conseguir uma boa qualidade com qualquer das duas opções, mas caso decida utilizar um grupo de informantes, especialmente quando são crianças, é difícil diferenciar suas vozes e não há apoio visual.

Conselhos práticos

- Empregar uma câmera e um gravador de qualidade, assegurando-se de que sabe usá-los corretamente. Cuidado com fatores do tipo: esgotamento da bateria, espaço na memória ou na fita, etc.
- Ao usar um gravador digital, é importante assegurar-se de que há espaço suficiente. As gravações devem ser organizadas e rotuladas a fim de evitar confusões e, na medida do possível, conservar uma cópia de segurança em outro dispositivo.

- Se optar pelo vídeo, é preciso considerar que, talvez seja mais proveitoso se outra pessoa fizer as gravações de um ângulo que cubra toda a ação. A outra opção, muito mais discreta, é colocar a câmera em um tripé, apesar de correr o risco de ter parte da ação ocorrendo fora do plano.
- Nas gravações em áudio, se possível (por exemplo, nas entrevistas individuais), aconselha-se pedir aos informantes que se identifiquem para que seja mais fácil relacionar sua voz a um nome. Por outro lado, recomendamos que sejam realizadas duas gravações simultaneamente, se por algum motivo algum dos gravadores tem problemas, uma das gravações não tenha qualidade, por exemplo.
- Em uma primeira edição, é possível fazer uma seleção das partes do vídeo que tratam sobre o tema específico em estudo, isso permite trabalhar com maior agilidade.
- Recomenda-se planejar cuidadosamente a gravação, sua extensão e sua organização.
- Finalmente, também é muito aconselhável pensar antecipadamente que tipo de dados é necessário coletar. Pode ser uma conversa natural entre dois informantes, uma aula completa com todas as suas interações, a interação produzida durante a realização de uma determinada tarefa, etc.

2.7. Sugestões de bibliografia

Abaixo, além das já proporcionadas ao longo do documento, propõem-se outras referências bibliográficas que podem ser de grande ajuda.

Barbier, R.(2007). *A pesquisa-ação*. Brasília: Liber Livro.

Dörnyei, Z. (2007). *Research Methods in Applied Linguistics: Quantitative, qualitative and mixed methodologies*. Oxford: Oxford University Press.

Elliott, J. (1994). Research on teachers' knowledge and action research. *Educational Action Research*, 2(1), pp.133-137.

Engel, G. I. (2000). Pesquisa-ação. *Educar em Revista*, (16), pp.181-191.

Fierro, C. (2012). *Transformando la práctica docente. Una propuesta basada en la investigación acción*. México: Paidós.

Latorre, A. (2007). *La investigación-acción. Conocer y cambiar la práctica educativa*. Barcelona: Grao.

Kemmis, S., & Wilkinson, M. (2002). A pesquisa-ação participativa e o estudo da prática. A pesquisa na formação e no trabalho docente. *Autêntica*, pp.43-66.

Thiollent, M.(2000). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.

Van Lier, L. (2001). La investigación acción. *Textos de Didáctica de la Lengua y la Literatura* (27), pp.81-88.

Wallace, M. (1998). *Action Research for Language Teachers*. Cambridge: Cambridge University Press.

3. PF PROFISSIONALIZANTE DE ELABORAÇÃO

Trata-se de um tipo de trabalho basicamente de aplicação que inclui a elaboração de:

- **Materiais didáticos:** opção que pode ser escolhida pelos alunos que estão cursando os programas FPMELE, FPMTFL ou FPMME (qualquer especialização).
- **Um programa:** opção que pode ser escolhida pelos alunos que estão cursando os programas FPMELE, FPMTFL ou FPMME (na especialização de Formação de Professores e TIC na Educação).
- **Um projeto de centro educativo:** opção que pode ser escolhida somente pelos alunos que estão cursando o FPMME na especialização de Organização e Gestão de Centros Educativos.

Com a elaboração deste trabalho, pretende-se a concretização da capacidade do aluno para criar materiais e/ou projetos e/ou planejar, com tudo o que isso implica: delimitação do contexto educativo alvo, definição de objetivos que atendam às necessidades diagnosticadas, determinação de conteúdos, proposta de ações educativas ou atividades, etc.

Para sua elaboração, pode ser especialmente útil ter como referência os conteúdos das disciplinas do mestrado que abordam estas questões.

3.1. Escolher o que elaborar

Recomenda-se veementemente que o aluno, ao escolher criar um recurso educativo, se assegure de optar por algo que lhe seja especialmente estimulante. Pode ser uma boa ideia pensar em três possibilidades e ponderar a respeito antes de decidir qual pode ser mais enriquecedora e viável.

O processo de elaboração deste tipo de trabalho é bastante difícil, ainda mais a distância, com momentos frequentes de desânimo e apatia. Por este motivo, é muito importante que o aluno selecione um tema que o motive especialmente e que esteja dentro de seu âmbito de interesse profissional e/ou acadêmico. Desta maneira, encontra-se melhor preparado para enfrentar os momentos críticos que possam ocorrer e o risco de abandono diminui consideravelmente.

3.2. Passos para planejar o trabalho de elaboração

Na coluna esquerda da tabela abaixo, indicam-se os passos que devem ser seguidos a fim de desenvolver de maneira coerente o processo de criação. Na coluna direita, explica-se a ação relativa a cada um dos passos.

PLANEJAMENTO	AÇÃO
1. Escreva uma breve lista de aspectos viáveis para elaborar.	1. Consulte estudos similares para se inspirar. Nossa biblioteca oferece diferentes possibilidades.
2. Escolha da lista anterior aquilo que lhe pareça mais interessante.	2. Comente com o seu Orientador as possíveis vias de realização do trabalho. É importante decidir o ponto de início e o enfoque que o trabalho terá.
3. Estabeleça o enfoque específico de elaboração. É possível que as pretensões iniciais sejam muito ambiciosas, sendo necessário reduzir o âmbito de ação.	3. Organize as ideias iniciais e realize uma lista de questões e considerações.
4. Determine os objetivos fundamentais da criação.	4. Pense com cuidado em que consistirá exatamente o recurso. É importante não ser ambicioso em excesso, sobretudo no início.
5. Monte uma primeira estrutura do trabalho e analise-a.	5. Organize com muito cuidado a estrutura e pondere sobre os aspectos a ter em conta na hora de realizá-lo, etc.
6. Realize algumas leituras sobre o recurso a que corresponde o seu trabalho para consolidar sua percepção sobre ele e seu bom desenvolvimento. Comece pela informação geral e vá adquirindo a bibliografia mais especializada.	6. Através destas leituras, é possível ter uma ideia sobre trabalhos similares ao que você vai realizar. Deste modo, você deve procurar ser capaz de antecipar possíveis problemas e pensar em soluções viáveis para eles.
7. Elabore um cronograma realista para cada fase do trabalho tendo em conta a data oficial de entrega. Às vezes, é necessário estabelecer prazos (por exemplo, “ao final do mês, dos dois primeiros capítulos devem estar prontos”).	7. Divida o tempo disponível segundo o grau de dificuldade de cada capítulo. Obviamente, alguns capítulos podem demandar mais tempo que outros e é muito útil organizar-se em função disto.
8. Elabore seu projeto inicial. Adapte toda esta informação ao modelo de proposta inicial (PI). Leia o cabeçalho de cada seção a fim de garantir que nada será esquecido.	8. Uma vez decidido o tema e que já saiba como coletar os dados, é recomendável completar o PI para que seu Orientador de PF possa confirmar que você está seguindo na direção correta.
9. Redija o primeiro texto e esteja disposto a modificar o que for necessário.	9. Não espere que o texto esteja finalizado já após a primeira redação. Certamente, será necessário revisá-lo várias vezes até que todos os pontos tenham sido desenvolvidos adequadamente.

<p>10. Seja crítico com o seu trabalho. Não pense que o que você fez é perfeito. Todo trabalho tem suas limitações.</p>	<p>10. Tente pensar nas limitações e falhas do trabalho. Pergunte-se, por exemplo, que aspectos trataria e quais não se estivesse começando de novo e o que aprendeu de tudo isso.</p>
--	--

3.3. Elementos básicos em diferentes planejamentos¹

A seguir, incluem-se algumas tabelas que resumem os principais elementos que devem ser incluídos em cada um dos planejamentos. Embora estejam abertas a modificações, podem servir como guia inicial.

Também sugerimos que consulte os materiais das seguintes disciplinas:

- **FPMELE:** *Creación, adaptación y evaluación de materiales, El currículo del español LE y la planificación de cursos y clases / Diseño curricular y programación*
- **FPMTFL:** *Materials and Resources in EFL-Design, Creation, Adaptation and Evaluation, Curriculum and Course Design: Theory and Practice / El currículo del inglés LE y la planificación de cursos y clases.*
- **FPMME:** *Criação, adaptação e avaliação de materiais, Projeto curricular, programa e desenvolvimento de competências, e Planejamento e gestão de projetos.*

3.3.1. Elaboração de material didático (ou unidade didática)

Opção que pode ser escolhida pelos alunos que estão cursando os programas FPMELE, FPMTFL ou FPMME (qualquer especialização).

Entende-se por unidade didática a proposta de um processo completo de ensino-aprendizagem, ou seja, desde o estabelecimento dos objetivos de aprendizagem até a verificação dos resultados alcançados. Uma unidade didática deve incluir os seguintes elementos:

Título	<p>O título deve sugerir qual é o conteúdo da unidade, mas convém que seja atraente. Um recurso que pode ser útil neste sentido é ser uma pergunta a ser respondida.</p> <p>O título da unidade temática pode ser decidido antecipadamente ou pode ser formulado durante o processo ou ser incluído ao final.</p>
Nível ou ciclo, grupo-turma, curso	<p>O trabalho deve indicar qual é o público-alvo do planejamento e situá-lo em um contexto adequado.</p>

¹ Adaptado de Yúfera e García Quiñones 2017, cap.6.

Breve descrição da unidade temática	Deve ser explicado porque se decidiu realizar este trabalho e se há alguma relação com unidades/projetos/materiais anteriores ou posteriores.
Objetivos de aprendizagem	<p>São objetivos próprios da unidade e não têm porque ter seu referente equivalente no currículo. Podem ser modificados ou outros podem ser acrescentados durante a realização da unidade. Devem ser mensuráveis ou observáveis.</p> <p>Convém redigi-los nos termos das capacidades que os alunos devem ter desenvolvido ao final da unidade. Alguns verbos que podem ajudar a formular os objetivos:</p> <p><i>Criar, Inferir, Realizar, Decidir, Integrar, Deduzir, Interagir, Reconhecer, Adquirir, Desenvolver, Reelaborar, Decodificar, Interpretar, Analisar, Aplicar, Discriminar, Justificar, Relacionar, Ler, Resolver, Manifestar, Avaliar, Distinguir, Responder, Buscar, Saber, Aplicar, Procurar, Elaborar, Selecionar, Classificar, Sequenciar, Escutar, Observar, Sintetizar, Comparar, Escrever, Ordenar, Solucionar, Organizar, Compreender, Explicar, Falar, Transferir, Compor, Expor, Utilizar, Expressar, Extrair, Apresentar, Contextualizar, Praticar, Tomar decisões, Identificar, Produzir...</i></p>
Critérios de avaliação	Devem ser formulados em enunciados que expressem de que modo saberemos que cada discente adquiriu a aprendizagem e que expressa o grau de assimilação desejado de cada um dos objetivos.
Conteúdos	É preciso registrar os conteúdos do currículo que serão trabalhados.
Temporalização	O tempo previsto e, se implementado, quanto efetivamente durou (para modificar em futuras implementações da unidade).
Descrição da sequência didática	<p>Aqui devem ser especificados a estrutura, os recursos e a metodologia. Alguns temas sobre os quais é preciso refletir para uma boa sequenciação são os seguintes:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Apresenta-se aos alunos uma situação-problema ou parte-se de alguma atividade de evolução inicial? ✓ Com que dinâmicas ou instrumentos são compartilhados os objetivos com os alunos? ✓ A sequência de atividades segue um fio condutor? Vai do mais fácil para o mais difícil? ✓ Há um equilíbrio entre atividades individuais, em duplas ou em grupos e atividades de diferentes tipos (pesquisa de informação, exercícios, aplicação, análise, síntese, etc.)? ✓ Com que dinâmicas ou instrumentos tornam-se conscientes do que estão aprendendo? Por exemplo, como é feita a devolução da avaliação?

Atenção à diversidade	Estratégias para adaptar a unidade didática aos alunos do grupo-classe que apresentem necessidades educativas especiais – se e quando for o caso.
Observações e avaliação posterior	No caso de implementá-la ou passar por um processo de revisão. É possível mencionar se os recursos e metodologias empregados foram adequados e variados e se se conseguiu que os alunos fossem protagonistas de sua aprendizagem.

3.3.2. Elaboração de uma programação didática

Opção que pode ser escolhida pelos alunos que estão cursando os programas FPMELE, FPMTFL ou o FPMME (na especialização de Formação de Professores e TIC na Educação).

Uma programação didática é o processo de especificação da sequência de atividades prevista para um período limitado de tempo, através dele, pretende-se alcançar os objetivos de ensino fixados no planejamento global para um curso (CVC, 2011).

Nível ou ciclo, grupo-turma, curso.	O trabalho deve indicar qual é o público-alvo do planejamento e situá-lo em um contexto adequado.
Breve descrição da programação	Deve ser explicado porque se decidiu realizar este trabalho e se há alguma relação com programações anteriores ou posteriores.
Objetivos de aprendizagem	<p>São objetivos próprios do programa e não têm porque ter seu referente equivalente no currículo. Devem ser mensuráveis ou observáveis.</p> <p>Convém redigi-los nos termos das capacidades que os alunos devem ter desenvolvido ao final da unidade. Alguns verbos que podem ajudar a formular os objetivos:</p> <p><i>Criar, Inferir, Realizar, Decidir, Integrar, Deduzir, Interagir, Reconhecer, Adquirir, Desenvolver, Reelaborar, Decodificar, Interpretar, Analisar, Aplicar, Discriminar, Justificar, Relacionar, Ler, Resolver, Manifestar, Avaliar, Distinguir, Responder, Buscar, Saber, Aplicar, Procurar, Elaborar, Selecionar, Classificar, Sequenciar, Escutar, Observar, Sintetizar, Comparar, Escrever, Ordenar, Solucionar, Organizar, Compreender, Explicar, Falar, Transferir, Compor, Expor, Utilizar, Expressar, Extrair, Apresentar, Contextualizar, Praticar, Tomar decisões, Identificar, Produzir...</i></p>
Conteúdos	<p>É preciso registrar os conteúdos do currículo que serão trabalhados.</p> <p>Especificamente devem abranger:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ ações que serão realizadas ao longo da sessão (ler um texto, escutar um áudio, ver um vídeo, etc.);

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ destrezas linguísticas que serão trabalhadas, tipo de práticas (atividade de resposta aberta, fechada, etc.); ✓ agrupamento dos alunos (pequenos grupos, em duplas, individual, etc.); ✓ unidades cobertas, tipos de texto e temas sobre os quais versar.
Sequenciação	<p>Organização dos diferentes conteúdos segundo suas características. Aqui devem ser especificados a estrutura, os recursos e a metodologia. Alguns temas que devem ser revisados para uma sequenciação ideal são:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ A sequenciação segue um fio condutor? Vai do mais fácil ao mais difícil? ✓ Há um equilíbrio entre atividades individuais, em duplas ou em grupos e atividades de diferentes tipos (pesquisa de informação, exercícios, aplicação, análise, síntese, etc.)? ✓ Com que dinâmicas ou instrumentos tornam-se conscientes do que estão aprendendo? Por exemplo, como é feita a devolução da avaliação?
Temporalização	O tempo previsto e, se implementado, quanto efetivamente durou.
Critérios de avaliação	de Devem ser formulados em enunciados que expressem de que modo saberemos que cada discente adquiriu a aprendizagem e que expressa o grau de assimilação desejado de cada um dos objetivos. Também devem ser descritos os instrumentos de avaliação a serem empregados.
Prevenção de problemas e atenção à diversidade	de Proposta de atividades complementares se o ritmo da aula não é o previsto, para permitir maior profundidade no tema a alunos que terminem antes dos colegas, e estratégias para adaptar a unidade didática aos alunos do grupo-classe que apresentem necessidades educativas especiais – se e quando for o caso.
Observações e avaliação posterior	No caso de implementá-la ou passar por um processo de revisão.

3.3.3. Elaboração de um Projeto Educativo de Centro

Opção que pode ser escolhida somente pelos alunos que estão cursando o FPMME na especialização de Organização e Gestão de Centros Educativos.

O Projeto Educativo de Centro (PEC) é um documento de carácter pedagógico que enumera e define os traços de identidade de um centro Além disso, expressa a estrutura organizacional e funcional do centro educativo. O objetivo de um PEC é estabelecer publicamente uma linha de atuação que ajude a manter um grau de coerência no centro e informe à comunidade educativa sobre esta linha.

Nome do centro	Identificação do centro.
Princípios de identidade do centro	Quem somos? Características e valores em que vai se fundamentar sua ação.
Características do centro	Com o que contamos? Análise do centro que ajude a reconhecer demandas e necessidades que pode atender.
Contexto do centro	Onde estamos? Análise do entorno do centro que ajuda a reconhecer as demandas e necessidades do contexto e as possibilidades reais do centro para atendê-las. <ul style="list-style-type: none"> - Análise do contexto. - Análise das necessidades educacionais da comunidade. - Análise da prática educacional do centro.
Objetivos do centro	O que queremos? Objetivos gerais do centro em coerência com os princípios e necessidades dos alunos, definidas previamente. <ul style="list-style-type: none"> - Formulação de objetivo. - Identificação dos objetivos, valores e marcas de identidade a que responde este objetivo.
Modelo de organização e funcionamento (âmbito curricular)	Como nos organizamos? Descrição da estrutura do centro, modos de participação, princípios de funcionamento e métodos de vinculação com o contexto (sempre em relação com o que foi definido anteriormente). <ul style="list-style-type: none"> - Oferta educativa. - Opções metodológicas. - Avaliação. - Orientação e tutoria. - Resposta à diversidade. - Uso e tratamento das línguas. - Formação e inovação.
Modelo de organização e funcionamento (âmbito organizativo)	Como nos organizamos? Descrição da estrutura do centro, modos de participação, princípios de funcionamento e métodos de vinculação com o contexto (sempre em relação com o que foi definido anteriormente). <ul style="list-style-type: none"> - Organização funcionamento e gestão do centro. - Normas de convivência. - Modelo de participação (relação com o entorno).
Autores e revisão	Processos de revisão e manutenção do PEC.

3.4. Sugestões de bibliografia

Abaixo, além das já proporcionadas ao longo do documento, propõem-se outras referências bibliográficas que podem ser de grande ajuda.

3.4.1. Elaboração de materiais

- Barbosa, M. V. & Rodrigues, M. B. (2014). Ensino de Sociologia e as Contribuições de Leontiev e Galperin para Elaboração de Material Didático-pedagógico. *Saberes em Perspectiva*, pp.35-50.
- Calderone, M., & González, A. (2016). Materiales didácticos. Una metodología para su producción en la era de las TIC. *Virtualidad, Educación y Ciencia*, 7(13), pp.24-35. Recuperado em 5 de abril de <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/vesc/article/view/16204>
- Clarke, D. F. (1989). Materials adaptation. Why leave it all to the teacher? *ELT Journal*, 43(2), pp.133-141.
- Cortés, J. M., Ochoa, M. R. R., Luna, V. R., Bazán, I. A. G., & Martínez, A. L. M. (2016). Diseño de materiales electrónicos: Una nueva era de las TAC. In *Congreso Virtual sobre Educación Media y Superior* (No. 3). Recuperado em 5 de abril de 2017 de: <http://cenid.org.mx/memorias/cemys/index.php/CEMYS/article/view/233>
- Crawford, J. (2002). The role of materials in the language classroom: finding the balance. Em J. Richards, y W. Rendaya (Coord), *Methodology in language teaching. An anthology of current practice* (pp. 80-91). Cambridge: CUP.
- Da Silva, M. P. (2016). O processo de apropriação de concepções construtivistas em materiais didáticos para alfabetização. *Estudos Linguísticos*, 40(2), pp.509-523.
- Estaire, S. & J. Zanón. (1990). El diseño de unidades didácticas en L2 mediante tareas: principios y desarrollo. *Comunicación, lenguaje y educación*, (7) 8, pp.55-90.
- Iglesias Carrillo, X. (2016). *Elaboración de materiales didácticos en lenguas minoritarias desde la interculturalidad: Propuesta de un modelo a partir del maya en México*. Recuperado em 5 de abril de 2017 de <http://digibug.ugr.es/handle/10481/42877#.WOUgz1XyiUk>
- Lorenz, K. M. (2013). Ação de instituições estrangeiras e nacionais no desenvolvimento de materiais didáticos de ciências no Brasil: 1960-1980. *Revista Educação em Questão*, 31(17), pp.7-23.
- McGrath, I. (2002). *Materials Evaluation and Design for Language Teaching*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Silva, I. M. M. (2015). Elaboração de Materiais Didáticos Impressos para Educação a Distância. *Eutomia* 1(07), pp.316-388.

3.4.2. Elaboração de um programa o una programação

- Casanova, M. A. (2016). El diseño curricular como factor de calidad educativa. REICE. *Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación*, 10(4). Recuperado de: <https://revistas.uam.es/index.php/reice/article/view/2984>
- Hernández, F., & Ventura, M. (2017). *A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio*. São Paulo: Penso.
- Imbernón, F. I. (2007). *10 Ideas Clave. La formación permanente del profesorado: Nuevas ideas para formar en la innovación y el cambio*. Barcelona: Graó.
- Imbernón, F. (2010). *Formação continuada de professores*. Porto Alegre: Artmed.
- Perrenoud, P., & Thurler, M. G. (2009). *As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed.
- Sacristán, J. G., Gómez, Á. I. P., Rodríguez, J. B. M., Santomé, J. T., Rasco, F. A., & Méndez, J. M. Á. (2016). *Educar por competências: O que há de novo?* Porto Alegre: Artmed.
- Silva, C. S. R. D., Portilho, E. L., & Radvanskei, S. D. F. (2016). Formação docente e prática pedagógica dos professores da educação básica. *Revista Intersaberes*, 11(24), pp.608-617.
- Tardif, M. (2012). *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes
- Zabalza, Miguel A. (1992). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Porto: Asa

3.4.3. Elaboração de um PEC

- Cota, M. G. O., Williams, A. G. J., & Morales, L. D. G. (2016). Proyecto de mejora en un centro escolar de nivel primaria en el noroeste de México. *Revista Iberoamericana de Evaluación Educativa*, 8(2). Recuperado em 5 de abril de 2017 de: <https://revistas.uam.es/index.php/riee/article/view/2882>
- Da Silva, A. L. G., de Oliveira Silva, J. C., & Torres, M. M. O. (2016). Paip: Gestão Pedagógica, Centrada na Rede Colaborativa De Aprendizagens. Encontro Internacional de Formação de Professores e *Fórum Permanente de Inovação Educacional*, 9(1). Recuperado em 5 de abril de 2017 de: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/2274>
- Flórez Flórez, M. L. & Monroy Machado, E. (2016). *Proyecto educativo comunitario-PEC del pueblo ancestral Ambaló; una experiencia política y pedagógica de resistencia y*

- pervivencia cultural* (Doctoral dissertation). Recuperado em 5 de abril de 2017 de: <http://bibliotecadigital.univalle.edu.co/handle/10893/9639>
- Gobierno Vasco (2014). *Guía para la elaboración del Proyecto Educativo de Centro*. Vitoria-Gasteitz: Servicio Central de Publicaciones del País Vasco. Recuperado em 4 de abril de 2017 de http://www.hezkuntza.ejgv.euskadi.eus/contenidos/informacion/dig_publicaciones_innovacion/es_liderazg/adjuntos/200013c_Pub_EJ_guia_pec_c.pdf
- Incio Serra, N. E., García Vargas, M. B., Gomero Camones, E., Huarcaya Espino, E. M., Lévano Sarmiento, C. E., Valverde, P., & Peraza Cornejo, B. D. (2016). *Guía para formular e implementar el Proyecto Educativo Institucional (PEI): documento de trabajo*. Recuperado em 5 de abril de 2017 de: <http://repositorio.minedu.gob.pe/handle/123456789/5100>
- Junta de Andalucía (2014). El Proyecto Educativo de Centro, en *Educación Inclusiva: materiales para el alumno*. Recuperado em 4 de abril de 2017 de <http://www.ite.educacion.es/formacion/materiales/72/cd/curso/unidad2/u2.I.1.htm> .
- Juárez, A. R. (2017). Autonomía escolar y cambio educativo, consideraciones desde la implementación del PEC-FIDE. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*. Recuperado em 5 de abril de 2017 de: <http://redie.uabc.mx/redie/article/view/643>
- Martínez, I. P., & Bescós, G. P. (2016). Los proyectos de dirección y su incidencia en la mejora de los centros educativos. *Avances en Supervisión Educativa*, (25). Recuperado em 5 de abril de 2017 de: <https://avances.adide.org/index.php/ase/article/view/560>
- Nóvoa, A.(1992). Para uma análise das organizações escolares. Em: Nóvoa, A. (Org.). *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Dom Quixote
- Vian, V., Eidlwein, G. M., Martins, S. N., & Quartieri, M. T. (2015). Gestão escolar: espaço de trabalho coletivo. *Conhecimento & Diversidade*, 7(13), pp.90-102.

4. PF PROFISSIONALIZANTE DE ANÁLISE DE MATERIAIS

O objetivo deste trabalho consiste em selecionar um material didático e analisá-lo seguindo as diretrizes que são dadas mais adiante. Trata-se de um trabalho de aplicação para o qual é necessário que o aluno tenha um bom conhecimento de aspectos teóricos fundamentais tratados ao longo do mestrado.

Este tipo de trabalho pode ser escolhido pelos alunos que estão cursando o FPMELE, o FPMTFL ou o FPMME (na especialização de TIC na Educação).

Com a elaboração deste trabalho, pretende-se o desenvolvimento intenso da capacidade crítica do aluno em relação aos materiais didáticos e à construção de uma série de critérios fundamentais que servem para realizar a análise de materiais de uma maneira rigorosa e fundamentada.

Também sugerimos que consulte os materiais das seguintes disciplinas:

- **FPMELE:** *Creación, adaptación y evaluación de materiales*
- **FPMTFL:** *Materials and Resources in EFL-Design, Creation, Adaptation and Evaluation*
- **FPMME-TIC:** *Criação, adaptação e avaliação de materiais*

4.1. Escolher o que analisar

Para realizar a análise de um material didático, o aluno deve escolher uma das seguintes opções:

- a) Analisar **um material completo** (pode ser uma unidade didática de um livro-texto, no caso, de línguas, um site, um app, um tipo de atividade, etc.).
- b) Escolher um **componente** (os conteúdos gramaticais, os conteúdos socioculturais, etc.) e analisar o tratamento que recebe **em vários materiais** (máximo três).
- c) Analisar **material didático elaborado** por você mesmo: corresponderia ao caso de um PF de Criação e Avaliação de Materiais.

Recomenda-se veementemente que o aluno, ao escolher analisar uma material didático, se assegure de optar por algo que lhe seja especialmente estimulante. Pode ser uma boa ideia pensar em três possíveis temas e ponderar a respeito antes de decidir qual pode ser mais enriquecedor e viável.

4.2. Guia para analisar materiais

4.2.1. O ambiente do ensino de línguas

Se o aluno decide analisar uma unidade didática, deve seguir o seguinte guia de análise:

a. A unidade didática e a teoria

- Que pressupostos teóricos subjazem à concepção da unidade?
- Em que teoria da língua e da aprendizagem parece se basear?
- Existe coerência entre a declaração de princípios que o livro-texto segue e o que se desprende de sua análise?

b. A unidade didática e seu enfoque metodológico

- Em que enfoque metodológico o livro-texto afirma se fundamentar?
- O livro-texto é imposto por um plano curricular?
- Como se refletem os planejamentos deste enfoque metodológico na unidade analisada (na especificação dos objetivos, seleção dos conteúdos, etc.)?
- Existe coerência entre o enfoque metodológico em que o livro-texto diz se basear e os resultados obtidos da análise da unidade selecionada?

c. A unidade didática e seus usuários

- Para que contexto de ensino a unidade analisada foi concebida:
- Qual é o perfil do aluno ao qual é dirigida (idade, necessidades, homogeneidade ou heterogeneidade em L1, etc.)?
- A que tipo de cursos se dirige (gerais ou específicos, intensivos, etc.)?

d. A unidade didática e o material complementar

- O material complementar cobre alguma carência da unidade analisada?
- Mantém coerência com a unidade analisada?

e. A unidade didática: atividades e textos

- Existe coerência entre os conteúdos e as demandas das atividades?
- Entre os textos e as formas de processá-los?
- A progressão dos conteúdos e as atividades (sequência didática)?
- Que grau de autenticidade tem a língua ensinada (textos adaptados, mas “autenticáveis”): qualidade e representatividade da língua, formatos reconhecíveis, textos orais?

- Que grau de autenticidade tem a língua gerada (interação genuína): vazão de informação, personalização (atuação a partir da própria identidade), propósito da atuação, contextualização, interação com sentido, imprevisibilidade, cooperação com o interlocutor, etc.?
- Que grau de verossimilhança têm os processos de uso da língua derivados das atividades?
- Que grau de clareza apresenta a concepção da unidade: a apresentação gráfica, a disposição dos elementos, as explicações gramaticais, os esquemas de sistematização do código, as instruções para realizar as atividades, etc.?
- Em que medida a unidade apresenta variedades em relação aos temas abordados, às atividades propostas (técnicas de solução, à tipologia textual (gêneros, fontes, modelos de língua), às dinâmicas de aula e atividades, às destrezas, aos níveis da língua (morfo sintático, pragmático, etc.), aos estilos de aprendizagem, aos registros, aos processos cognitivos implicados, etc.?
- Que grau de equilíbrio apresenta quanto ao tratamento das destrezas (integração) entre a língua proporcionada e a língua gerada, no tempo dedicado a cada fase?
- Em que medida se adequa ao nível de competência do aluno, às características do perfil do estudante, ao tipo de curso, etc.?
- Em que grau é flexível? Ou seja, admite criatividade? Permite a gestão autônoma por parte do professor e dos alunos? Atende diferentes níveis de competência?
- Os temas são motivadores? E os conteúdos e atividades propostos? São significativos? Envolvem a pessoa totalmente? Levam em consideração o conhecimento próprio do aluno? São próximos da realidade do aluno? Requerem a adoção de um papel ativo por parte do aluno?

4.2.2. No ambiente das TIC

Se o aluno decide analisar materiais TIC, deve seguir o seguinte guia de análise:

a. Os materiais e a teoria

- Que pressupostos teóricos subjazem à concepção dos materiais TIC?
- Em que teoria educativa parecem se fundamentar?
- Se há uma declaração de princípios relacionada às teorias educativas ao apresentar os materiais, esta declaração é coerente com o que se desprende de sua análise?

b. Os materiais e o enfoque metodológico

- Em que enfoque metodológico se fundamentam os materiais TIC analisados?
- Como este enfoque se reflete nos materiais?
- É parte de um plano curricular?

- Se há uma declaração de princípios relacionada ao enfoque metodológico ao apresentar os materiais, esta declaração é coerente com o que se desprende de sua análise?

c. *Usuários potenciais*

- Para qual contexto de ensino são concebidos os materiais?
- Qual é o perfil do aluno ao qual é dirigida (idade, necessidades, homogeneidade ou heterogeneidade em L1, etc.?)

d. *Hiperconectividade, acessibilidade e adaptabilidade*

- Os materiais são redirecionados a outros que podem sanar carências?
- Estas recomendações mantêm coerência com os materiais analisados?
- Em que grau são flexíveis? Ou seja, admitem criatividade? Permitem a gestão autônoma por parte do professor e dos alunos? Atendem diferentes níveis de competência?
- O que dispositivos os materiais são acessados? Há possibilidade de acesso por diferentes meios?
- Estes dispositivos estão ao alcance do usuário potencial em termos econômicos e de capacidade tecnológica?

e. *Textos e atividades*

- Existe coerência entre os conteúdos e as demandas das atividades?
- Existe coerência entre os textos e as formas de processá-los?
- A progressão dos conteúdos e as atividades (sequência didática)?
- São aplicáveis a um contexto real de ensino-aprendizagem?
- Que grau de clareza apresenta o projeto gráfico dos materiais: a apresentação gráfica, a disposição dos elementos, as explicações gramaticais, os esquemas de sistematização do código, as instruções para realizar as atividades, etc.?
- Em que medida a unidade apresenta variedades em relação aos temas abordados, às atividades propostas (técnicas de solução, à tipologia textual (gêneros, fontes, modelos de língua), às dinâmicas de aula e atividades, às destrezas, aos níveis da língua (morfofossintático, pragmático, etc.), aos estilos de aprendizagem, aos registros, aos processos cognitivos implicados, etc.?
- Os temas são motivadores? E os conteúdos e atividades propostos? São significativos? Envolvem a pessoa totalmente? Levam em consideração o conhecimento próprio do aluno? São próximos da realidade do aluno? Requerem a adoção de um papel ativo por parte do aluno?
- Têm uma boa resposta dos alunos, em que medida se adéqua ao nível de competência do aluno, às características do perfil do estudante, ao tipo de curso, etc.?

4.3. Guia para a análise de um componente

Na análise de **materiais de ELE e EFL**: o aluno deve escolher um dos seguintes componentes para analisar nos manuais: conteúdos gramaticais, conteúdos léxico-semânticos, conteúdos fonético-fonológicos, conteúdos socioculturais ou conteúdos estratégicos.

Na análise de **materiais TIC**, o aluno pode escolher um componente de sua escolha com o auxílio do Orientador de PF. Por exemplo, é possível analisar em várias plataformas certo conteúdo temático, modo de trabalho de alguma estratégia de aprendizagem, processos cognitivos, capacidade de atenção à diversidade, etc.

A análise do componente selecionado deve ser guiado pelas seguintes perguntas básicas:

- Que tratamento o componente recebe nos materiais selecionados?
- Que visão do componente se desprende da análise dos materiais?
- O tratamento dado ao componente mantém consonância com o que as tendências metodológicas mais recentes propõem a respeito?
- Que lugar o componente analisado ocupa em relação ao restante dos conteúdos?
- Em que aspectos se assemelha e em quais se diferencia o tratamento que o componente recebe nos materiais selecionados?

4.4. Passos para planejar o trabalho de análise

Na coluna esquerda da tabela abaixo, indicam-se os passos que devem ser seguidos a fim de desenvolver de maneira coerente o processo de análise. Na coluna direita, explica-se a ação relativa a cada um dos passos.

PLANEJAMENTO	AÇÃO
1. Escreva uma breve lista de aspectos viáveis de analisar.	1. Consulte estudos similares para se inspirar. Nossa biblioteca oferece diferentes possibilidades.
2. Escolha da lista anterior o aspecto que lhe pareça mais interessante.	2. Comente com o seu orientador as possíveis vias de realização do trabalho. É importante decidir o ponto de início e o enfoque que o trabalho terá.
3. Estabeleça o enfoque específico da análise. É possível que as pretensões iniciais sejam muito ambiciosas, sendo necessário reduzir o âmbito de ação.	3. Organize as ideias iniciais e realize uma lista de questões e considerações.
4. Determine os objetivos fundamentais da análise.	4. Pense com cuidado em que consistirá exatamente o recurso. É importante não ser

	ambicioso em excesso, sobretudo no início.
5. Monte uma primeira estrutura do trabalho e analise-a.	5. Organize com muito cuidado a estrutura do trabalho e pondere sobre os aspectos a ter em conta na hora de realizá-lo, etc.
5. Realize algumas leituras sobre o tema a fim de consolidar sua percepção sobre ele e seu bom desenvolvimento. Comece pela informação geral e vá selecionado a bibliografia mais especializada.	6. Através destas leituras, é possível ter uma ideia sobre trabalhos similares ao que você vai realizar. Deste modo, você deve procurar ser capaz de antecipar possíveis problemas e pensar em soluções viáveis para eles.
7. Elabore um cronograma realista para cada fase do trabalho tendo em conta a data oficial de entrega. Às vezes, é necessário estabelecer prazos (por exemplo, “ao final do mês, dos dois primeiros capítulos devem estar prontos”).	7. Divida o tempo disponível segundo o grau de dificuldade de cada capítulo. Obviamente, alguns capítulos podem demandar mais tempo que outros e é muito útil organizar-se em função disto.
8. Elabore seu projeto inicial. Adapte toda esta informação ao modelo de proposta inicial (PI). Leia o cabeçalho de cada seção a fim de garantir que nada será esquecido.	8. Uma vez decidido o tema e que já saiba como coletar os dados, é recomendável completar o PI para que seu Orientador de PF possa confirmar que você está seguindo na direção correta.
9. Redija o primeiro texto e esteja disposto a modificar o que for necessário.	9. Não espere que o texto esteja finalizado já após a primeira redação. Certamente, será necessário revisá-lo várias vezes até que todos os pontos tenham sido desenvolvidos adequadamente.
10. Seja crítico com o seu trabalho. Não pense que o que você fez é perfeito. Todo trabalho tem suas limitações.	10. Tente pensar nas limitações e falhas do trabalho. Pergunte-se, por exemplo, que aspectos trataria e quais não se estivesse começando de novo e o que aprendeu de tudo isso.

4.5. Sugestões de bibliografia

Abaixo, além das já proporcionadas ao longo do documento, propõem-se outras referências bibliográficas que podem ser de grande ajuda.

4.5.1. Materiais de línguas

Cunningsworth, A. (1984). *Evaluating and selecting EFL teaching materials*. Londres: Heinemann Educational Books.

Español, T. & E. Montolio. (1990). El español en los libros de español. *CABLE. Revista didáctica de español como lengua extranjera*, (6), pp.19-24.

Giovanni, et al. (1996). *Profesor en acción 2*. Madri: Edelsa.

Lozano, G. & Ruiz Campillo, P. (1996). Criterios para el diseño y la evaluación de materiales comunicativos. En: *Didáctica del español como lengua extranjera. Cuadernos del tiempo libre*. E/LE 3. Madri: Fundación Actilibre pp.127-155.
www.difusion.com/ele/formacion/formacion_articulos_art6.asp

McGrath, I. (2002). *Materials Evaluation and Design for Language Teaching*. Edimburgo: Edinburgh University Press.

Richards, J. & T. Rodgers. (1986). *Enfoques y métodos de la enseñanza de idiomas*. Cambridge: CUP.

Scarino, A.; D.Vale; P. McKay; e J. Clark. (1988). *Australian Language Levels Guidelines*. Woden, A.C.T. (Australia): Curriculum Development Centre.

Skierso, A. (1991). Textbook selection and evaluation. En: M. Celce-Murcia (edit), *Teaching English as a second or foreign language* pp. 432-453. Boston: Newbury House, Heinle & Heinle.

4.5.2. Materiais TIC

Clarke, D. F. (1989). Materials adaptation. Why leave it all to the teacher? *ELT Journal*, (43)2, pp.133-141.

Cervera, M. G. (2005). *La formación en Internet: guía para el diseño de materiales didácticos*. MAD-Eduforma.

Chinaglia, J. V. (2014). Materiais didáticos digitais e as remediações do livro didático impresso: uma análise dos objetos educacionais digitais. *Educação & Tecnologia*, pp.27-39.

Churches, A. (2011). *Bloom's Digital Taxonomy*. Recuperado de: http://www.personal.psu.edu/ryt1/blogs/totos_tidbits/files/digitalbloom.pdf

Cortés, J. M., Ochoa, M. R. R., Luna, V. R., Bazán, I. A. G., & Martínez, A. L. M. (2016). Diseño de materiales electrónicos: Una nueva era de las TAC. In *Congreso Virtual sobre Educación Media y Superior* (No. 3). Recuperado de: <http://cenid.org.mx/memorias/cemys/index.php/CEMYS/article/view/233>

Fernandes, A., & Nunes, R. C. (2015). A utilização de materiais didáticos em curso de educação à distância. *EntreVer-Revista das Licenciaturas*, 4(6), pp.72-102.

Pablos-Ortega, D. (2017). *Análisis y diseño de materiales didácticos* (Analysis and Design of Learning Materials). Recuperado de: <https://ueaeprints.uea.ac.uk/57939/>